



A LITERATURA DE VIAGEM, FONTE A SER SEMPRE REVISITADA

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Já faz algum tempo que a questão ambiental vem se impondo frente à sociedade brasileira onde discussões de vários níveis acabam por apontar a séria crise ambiental ora vivenciada nas diferentes regiões culturais do país.

À medida que venho pesquisando tal problemática voltada aos *Distritos de Campinas – Sousas, Joaquim Egídio, Barão Geraldo e Nova Aparecida* – não pude deixar de consultar ao principiar o estudo a alguns viajantes estrangeiros que a partir principalmente de fins do século XVIII e durante o XIX, percorreram a antiga chamada Vila de São Carlos.

Sendo o território o reflexo das relações humanas, sua paisagem espelha sua cultura, suas cores e formas constituindo uma linguagem plena de significações. E é no espaço urbano que vemos refletidas as realidades sociais diversas que convivem com suas expressões arquitetônicas, culturais e de organização político-econômico-sociais.

Assim refletindo, neste breve estudo me ative apenas a três viajores¹ que por Campinas passaram e se preocuparam com a *questão da natureza: Saint-Hilaire, Kidder e Zaluar*, embora outros tantos em

⁽¹⁾ SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à Província de São Paulo*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1976 (Reconquista do Brasil, v.18); KIDDER, Daniel P.. *Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil (Províncias do Sul)*. São Paulo: Martins/Ed. USP, 1972 (Biblioteca Histórica Brasileira); ZALUAR, A. Emílio. *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)*. São Paulo: Ed. Cultura, 1943 (Série Brasília).

diferentes momentos tenham percorrido a Província de São Paulo deixando interessantes descrições ambientais.

Cumpr sempre lembrar que embora seja fonte que não se pode ignorar, a literatura dos viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil é de valor bastante desigual mesmo porque entre eles havia desde naturalistas a agentes diplomáticos, missionários, comerciantes, pintores, etnólogos, mineralogistas e até aventureiros. Óbvio que seus escritos refletem tal diversidade principalmente porque alguns deles souberam viver o país e outros, tiveram apenas incompreensão por nossa maneira de ser e pela nossa cultura.

A expressão de Darwin cabe bem ao estudo que ora apresento uma vez que o interesse que o Brasil despertou entre os homens da ciência de então, frente à variedade das espécies animais e vegetais, fez com que o discutido cientista dissesse ser nosso país *o paraíso dos naturalistas*.

Devo ressaltar, outrossim, que a publicação sistemática destas obras de viagem, principalmente as do século XIX, apenas principiou no Brasil a partir do ano de 1930.

Foi, sem dúvida, *Augustin François César de Saint-Hilaire* (conhecido apenas por *Saint-Hilaire*) entre os viajantes que andaram pelo Brasil no século XIX, o que melhor compreendeu nosso país, não se contentando com observações superficiais, podendo mesmo sua vasta obra ser considerada a maior dentro da literatura de viagem. Voltado à Botânica, demonstrou interesse especial pelos problemas do uso da terra e da agricultura como um todo, apesar de não se ter descurado dos aspectos históricos, sociais, políticos, ambientais e culturais dos lugares por onde passou. Ao lado de Martius sua contribuição foi altamente significativa para o conhecimento da flora brasileira.

Chegou ao Brasil em 1816 tendo vivenciado momentos significativos de nossa história, quais sejam, a elevação da Colônia a Reino Unido, o regresso de D. João VI, a regência do Príncipe D. Pedro e a Independência do Brasil.

(2) SAINT-HILAIRE, A. *Op. cit.*, p. 108.

Passou Saint-Hilaire por Campinas nos idos de 1819, vindo de Mogi Mirim, onde, logo de início, seu espírito foi aguçado quando da parada feita no rancho construído a meio da mata à beira do já conhecido como Rio Tibaia, observando com riqueza de detalhes, por exemplo, as pedras que afloravam em sua superfície além de salientar que suas margens eram cobertas de mata², apontando que, apesar disto, o calor era intenso na área compreendida entre o rio Atibaia e Campinas. Encantou-o o fato de viajar em meio à densa mata muito verde e vasta e o fato de haver encontrado na região grande quantidade também de bambus e de uma gramínea que conheceu pelo nome de barba-de-bode e que era então considerada de boa qualidade para forragem³.

Apontava já a existência da cultura canavieira em Campinas, dizendo haver encontrado entre *Tibaia e a cidade de Campinas, pelo menos meia dúzia de engenhos de açúcar, alguns dos quais de tamanho considerável*⁴.

A satisfação fica evidenciada nas linhas deste botânico ao salientar sempre que este *termo* que percorria possuía riquíssima vegetação além de ser o maior produtor de açúcar de toda a Província de São Paulo, além de contar com uma *centena de engenhos de açúcar, incluindo as destilarias*⁵.

Observou, com propriedade, que a existência de matas virgens ao sair de Campinas era contínua, apesar de notar que em vários trechos do caminho percorrido, muitas árvores já haviam sido cortadas em ambos os lados dele, acreditando ser para permitir a circulação do ar o que facilitaria a secagem da terra melhorando, assim, a circulação e o transporte de cargas.

Pela forma como se referiu a esta região em todo o seu discurso, se pode inferir que realmente ela o fascinou pelo clima (que classificou como temperado), pelo verde de suas matas, pela quantidade de madeira

(3) Idem, *Ibidem*.

(4) Idem. *Op. cit.*, p. 109.

(5) SAINT-HILAIRE, A. *Op. cit.*, p. 110.

encontrada, pela gente com quem conviveu que, por ser dinâmica, estava levando a região a uma grande opulência.

Duas décadas após Saint-Hilaire haver passado por Campinas e região, chamaram também a atenção as observações deixadas por *Daniel Kidder*, pastor metodista que viveu por bom tempo no Rio de Janeiro, tendo percorrido o Brasil de norte a sul. São curiosos seus apontamentos sobretudo levando-se em conta o significativo perfil que traçou sobre a vida brasileira, demonstrando como chegou a entender nossa terra o que, sem dúvida, não foi fácil para um norte-americano, considerando-se que vivenciou o país às vésperas do conturbado momento político da Maioridade.

Saliento aqui igualmente apenas a parte relativa a Campinas, através de algumas de suas páginas atinentes ao meio ambiente. Desde que partiu de Jundiáí teve sua atenção aguçada frente a grande variedade de pássaros avistados, salientando que a pomba e a pomba rola eram os mais comuns, ao lado da *uraponga* com cantar peculiar e estridente⁶.

Comentou ainda que era a terra vermelha (não a denomina de terra roxa, o que é aliás, correto) a predominante, principalmente ao se aproximar de Campinas onde também constatou o freqüente ir e vir das tropas que transportavam açúcar para o litoral e em seu retorno, ao lado de artigos variados, trazia o sal que era o predominante⁷.

Ficou Kidder deveras impressionado com os danos causados pelas formigas em Campinas, apontando os grandes prejuízos por elas causados, apesar do governo estar procurando exterminá-las; mas elas insistiam em proliferar...⁸

Aponta ainda em seu relato de viagem que o leito da estrada que percorreu estava muito corroído não apenas pelo tráfego existente,

⁽⁶⁾ KIDDER, Daniel P. *Op. cit.*, p. 217.

⁽⁷⁾ *Idem. Op. cit.*, p. 218.

⁽⁸⁾ KIDDER, Daniel P. *Op. cit.*, p. 218-220. Sobre o assunto ver também, entre outros estudos: RICCI, Maria Lúcia de S. Rangel. "Alguns problemas ocorridos em Campinas na transição de Vila à Cidade". In: *Notícia Bibliográfica e Histórica*. Campinas: Puccamp, XXXV (190). 239-242, jul./set. 2003.

bem assim pela ação das chuvas que eram comuns na latitude em que Campinas se encontrava. As depressões chegavam a apresentar *de 10 a 20 pés de profundidade (de 3 a 6 metros)*⁹.

Há que se compreender que sendo Kidder um missionário que estava mais preocupado em levar ao mundo a palavra cristã, ser sua preocupação mais voltada para observar/estudar as instituições religiosas. Seu relato não é a de um exímio escritor; todavia, sua linguagem é fluente, simples, mas com uma grande virtude – como bem analisou o bibliófilo Rubens Borba de Moraes – apresentar sempre *fidelidade*.

Sob o interesse que ora me vejo envolvida, vale para aprofundamento do estudo, a interessante *Relação dos nomes científicos e vulgares das mais notáveis plantas indígenas do Brasil, acompanhadas de observações sobre suas propriedades terapêuticas e suas aplicações comuns*¹⁰, que é apensada ao seu relato.

Sem dúvida que há necessidade de ser complementada tal análise, através de outras fontes, a fim de ser aprofundada/cotejada, principalmente ao se considerar os Distritos ora enfocados, sempre analisando a relação entre o ser humano e a natureza, levando em conta as variáveis ao longo do processo histórico de formação do conceito de meio ambiente.

Reflito assim, porque a cidade de Campinas e os hoje seus Distritos, constituem por ora os exemplos avaliados, aonde vem sendo grande o impacto das externalidades ambientais: rios poluídos, ar contaminado, devastações, etc.

Claro que os atuais problemas ambientais são bastante diferentes dos vivenciados pelos viajantes do século XIX e bem por isso, deixaram de ter o caráter local para terem amplitude global. Advém daí que atualmente os problemas ambientais aumentaram em escala nestes Distritos estudados, bem assim em frequência e quantidade.

⁽⁹⁾ Idem. *Op. cit.*, p. 221.

⁽¹⁰⁾ Idem. *Op. cit.*, p. 290-294 (trabalho que foi condensado de Louis Riedel, botânico do Rio de Janeiro).

Minha preocupação frente à pesquisa ora realizada nestes espaços é tentar entender/compreender ao resgatar historicamente o tradicional e como se foi constituindo, de fato, a variável ecológica nos dias atuais onde, até passado recente tais áreas foram objeto mais de preocupação econômica (será que só nelas?...).

Desta maneira penso que o declínio ambiental nestes Distritos não vem sendo fruto de pobreza e/ou riqueza, mesmo porque o crescimento das cidades acarreta mudanças ao meio ambiente. Daí, entre várias propostas para recuperação do ambiente, lembrar aquela que acredita ser a luta na atualidade voltada para dissolver o neoliberalismo radical com um projeto político-econômico-sócio-cultural humanizante.

Evidente que *Zaluar* não poderia escapar deste estudo por haver sido, entre significativos viajantes que percorreram a outrora pacata Campinas, outro que nos forneceu também algumas *pistas* para a reconstituição da problemática ecológico-ambiental nestas plagas.

Parece que foi *Zaluar* um *apaixonado* pelas terras paulistas não perdendo oportunidade em demonstrar com elogios a riqueza da área. Assim, vejamos alguns trechos do como se refere à Campinas:

florestas primitivas cobriam em todas as direções este solo precioso (...) sombra dos jequitibás, das perobas e das figueiras bravia, derramava sobre a cabeça dos viajores uma frescura mais vivificante e amena (...). A pureza do ar e o perfume das flores silvestres faziam deste lugar um verdadeiro oásis¹¹.

E disse mais: que a fama da fertilidade do solo e a excelente qualidade de seu clima, acabaram por atrair moradores de outras regiões o que em muito aumentou o povoamento da área, alargando mais a cultura açucareira que já era então notória, além de possuir também alguns engenhos.

⁽¹¹⁾ ZALUAR, A. Emílio. *Op. cit.*, p. 147.

Registrou ainda que a cultura cafeeira já era significativa não apenas pela qualidade do solo, bem como pelo espírito esclarecido e labutador de seus habitantes. Foi o trabalho árduo que enfrentaram que lhes deu oportunidade de transformar esta lavoura na região, adotando os mais aperfeiçoados métodos para a época o que contribuiu para o grande desenvolvimento de Campinas.

Afirmou que:

o clima de Campinas é dos mais amenos e salutareos que conheço (...)

Grande parte das estradas e caminhos vicinais parecem longas aléias de jardins, recendente de vivíssimos perfumes e adornados de mimoso matiz de mil variadas flores (...)¹².

Comentou, outrossim, sobre o sítio São Francisco em especial, por haver se encantado com sua localização privilegiada à margem do rio Atibaia, além de se deslumbrar com *as mais bonitas plantações de cana que já havia visto até então*¹³.

Aponta ainda que vizinha a esta propriedade (onde hoje se encontra Sosas), se localizava a do tenente-coronel Egídio de Souza Aranha onde estava *montada uma excelente serraria de madeira (...)* Seu dono tirava das *soberbas matas que possui lucrativa vantagem*¹⁴. Vejam que o meio ambiente não é de hoje que vem sendo destruído na região...

Impressionou-se Zaluar com a quantidade de árvores frutíferas encontradas, achando pitoresco o fato dos moradores irem todos os anos à época em que as árvores frutificavam, a passeios chamados *ir às frutas*, viajando as famílias em romaria de umas para outras fazendas. Os homens aproveitavam para caçar e pescar¹⁵.

⁽¹²⁾ ZALUAR, A. Emílio. *Op. cit.*, p. 154.

⁽¹³⁾ Idem. *Op. cit.*, p. 155.

⁽¹⁴⁾ Idem, *Ibidem*.

⁽¹⁵⁾ Idem, *Op. cit.*, p. 156.

Menciona que além da abundância de frutas do mato, havia ainda abacateiros, jabuticabeiras, videiras...

Neste vôo de pássaro apenas com estes viajantes que por esta região passaram, vemos o quão interessante se apresenta o revisitar desta literatura, mesmo porque nada passava despercebido a eles à medida que, uns vieram para o Brasil enviados que foram por suas pátrias, enquanto outros, apenas voltados pela curiosidade em conhecê-lo. Mesmo assim constituem interessantes fontes de conhecimento para os diferentes momentos de nosso processo histórico.

Vários deles propuseram e, os três ora citados demonstraram que, falar em meio ambiente e desenvolvimento é expressar a vida como um todo, partindo de múltiplos temas: clima, florestas, águas doces, agricultura...

Seus recados foram dados e, desta forma, devemos conhecê-los, aproveitando o que dizia João Guimarães Rosa *in: Grande Sertão: Veredas: a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada*. E este tempero está a exigir muito, sobretudo no momento ora vivenciado, onde o desenvolvimento sustentável se torna imprescindível.